

SONS DE GENTE: ETNOGRAFIA SONORA DO BAIRRO LARANJAL, RIO GRANDE DO SUL, PELOTAS

MARIA CLARA VEIRAS CAVADA¹;

GUILLERMO STEFANO ROSA GÓMEZ²:

¹Universidade Federal de Pelotas –cavadamclara@gmail.com

²CEIL-CONICET, Argentina – guillermorosagomez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem objetivo de percorrer o bairro do Laranjal por meio dos sons que nele se manifestam, estabelecendo um caminho tecido pelas minhas memórias e, de certo modo, também pelas de minha mãe.¹ Buscou-se escutar, experimentar e registrar os sons que permanecem e aqueles que se transformam, bem como tudo o que eles revelam sobre o lugar e seus habitantes. A investigação também considera as diferenças sonoras entre quem vive nas áreas ainda não asfaltadas e aqueles que residem nos chamados “altos do Laranjal”, região com acesso direto a uma das avenidas principais, relativamente apartada do restante do bairro.

propõe a ser uma etnografia sonora (ROCHA e VEDANA, 2008; VEDANA, 2010), no contexto de um estudo antropológico da memória, conforme a “etnografia duração” (ECKERT e ROCHA, 2013). Além disso, estreita afinidades temáticas com os estudos de memória ambiental (ECKERT; ROCHA & NELSON, 2021) e com a antropologia da família e do parentesco (DAMÁSIO, 2023). A partir destas influências, seguiu-se a memória como uma linha que ajuda a tecer o caminho percorrido pelos sons.

A proposta surgiu como exercício etnográfico no âmbito da disciplina de Antropologia e Meio Ambiente, vinculada ao curso de Antropologia/UFPEL. O aprofundamento desse exercício me levou a fazer um mergulho em memórias minhas, de minha mãe e compartilhadas nossas, pensando através do som ou da ausência dele no bairro Laranjal, fazendo um caminho pelo tempo e pelas lembranças, mapeando o que muda e o que permanece, utilizando o apoio de fotografias minhas e do arquivo pessoal de minha mãe, a fim de produzir correspondências entre o áudio e o visual. O som serve aqui como evocador de memória seja ele, o das árvores, dos latidos dos cachorros, ou até mesmo de palavras quem contém em si um universo de significados que não somente o do dicionário.

2. METODOLOGIA

Como abordar metodologicamente, por meio das ferramentas das Ciências Sociais, algo tão efêmero como o som? Inspirada pela etnografia sonora (ROCHA e VEDANA, 2007; VEDANA, 2010), entendida como “um procedimento metodológico de investigação da vida social a partir das sonoridades, ruídos e

¹ Este resumo, escrito propositalmente em primeira pessoa, dá continuidade a uma experiência de narração e reflexão mais ampla que a autora, Maria Clara, fez de sua própria família, na qual suas memórias se atravessam aos pertencimentos coletivos.

ritmos que configuram ambiências e paisagens sonoras.” (VEDANA, 2010, p. 2) deixei que meus ouvidos anotassem aquilo que o bairro dizia de si: o canto dos pássaros, o silêncio das ruas de areia, o barulho dos carros nos Altos.

As sonoridades do Laranjal a fim de serem compreendidas como foram vivências de expressão coletiva, atravessada por transformações urbanas que permanecem na memória dos moradores, podem seguir o caminho apontado por ECKERT e ROCHA, 2013 através da “etnografia da duração” que é o estudo antropológico das maneiras pelas quais as pessoas se esforçam para fazer durar, no tempo, as memórias de suas comunidades de pertencimento. A pesquisa se fez caminhando pelo bairro do Laranjal, deixando que os sons guiassem os passos. Além disso, se realizou consulta, estudo e reprodução de fotografias de acervos familiares, a produção de desenhos e cartografias das paisagens do bairro, além de “etnografia de rua com câmera na mão” (ROCHA e ECKERT, 2013b), isto é a realização de caminhadas atentas

Como procedimentos metodológicos, foram estipuladas correspondência entre fotografias e sons, sugerindo aproximações e sentidos poéticos: Figueira de encontros; Sons de folhas ao vento; Sons de “não-gente”. A fim de aproximar o leitor do processo sensível que o som junto a memória que nele mora, realiza através de mim, da minha mãe e do bairro que morei durante toda minha infância e parte da juventude.

As escutas foram acompanhadas por registros em diário de campo, fotografias e conversas com minha mãe, cujas memórias se entrelaçam às minhas. Assim, sons e lembranças formaram o método: escutar, caminhar, recordar. Nesse sentido, aproximo-me de um debate importante na antropologia contemporânea, que reflete sobre as configurações subjetivas e históricas não somente do “Outro” estudado, mas também do “Eu” que escreve (ABU-LUGHOD, 1991). Desse modo, tornou-se significativo encontrar, em pesquisas brasileiras, a problematização dos desafios de estabelecer “parentes-interlocutoras” (DAMÁSIO, 2013) ao se pesquisar a própria família (RODRIGUES DE PAULA, 2025)

Assim, mais que técnica, aqui, foi o corpo quem de fato realizou a pesquisa, atento ao tempo, ao vento e às vozes do bairro que, em cada som, revelam modos de viver e de lembrar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os caminhos percorridos no Laranjal mostraram que os sons não apenas preenchem o espaço, mas também delimitam fronteiras sociais e evocam memórias. Nas ruas de areia, o silêncio entrecortado por pássaros, sapos e vizinhos conhecidos compõe uma paisagem de intimidade e pertencimento. Já nos Altos, o ruído constante de carros, portões fechados e movimentos acelerados anuncia outro modo de habitar — distante, ainda que dentro do mesmo bairro.

As escutas realizadas, somadas às conversas com minha mãe, revelaram um jogo de permanências e desaparecimentos. A persistência de certos sons que atravessam gerações, como o latido de cães, o barulho das panelas, o pregão dos vendedores, e a ausência de certos animais como os vaga-lumes que desapareceram junto às transformações ambientais. O bairro, assim, se mostra em processo: entre a permanência de ritmos cotidianos e a introdução de novas sonoridades que acompanham o asfalto, a expansão urbana e as mudanças no uso do espaço.

Recordo-me de um pensamento sobre a inextricável ligação entre um escritor e sua língua nativa. Como sugerem romancistas apaixonados pela língua

portuguesa, como Ariano Suassuna ou João Guimarães Rosa, a ideia é que, mesmo dominando outros idiomas, a criação literária mais profunda acontece na língua materna, pois uma palavra como "laranjeira" não designa apenas uma árvore, mas é um receptáculo de todas as memórias e sensações a ela vinculadas.

Algo de efeito semelhante ocorre comigo quando escuto a palavra *figueira*, pouco sei de fato sobre sua habilidade ou não de portar frutos, pouco sei também do gosto de figos, mas a junção de letras e o som da palavra me fazem pensar em inúmeras histórias, da figueira que servia de ponto de encontro para minha mãe e seus amigos em suas infâncias, ou daquela que permanece no meio da rua sem se importar com o tráfego, sempre admirei muito sua personalidade, de permanecer, criar raízes e pouco se importar se atrapalha ou não, e ainda a que cresce no pátio da casa do meu padrasto levantando o piso.

O som da palavra se parece muito com o som das folhas quando balançam ao vento, soa como a infância que nós duas (eu e minha mãe) compartilhamos no mesmo bairro, soa como o silêncio que aqui faz. O som aqui é quem traz consigo a memória, é ele que a evoca, que a costura e constrói, é nele que mora o meu bairro.

4. CONCLUSÕES

Esta reflexão composta de sonoridades, memórias, fotografias e leituras, que teve início como exercício etnográfico da disciplina de Antropologia e Meio Ambiente, encontra-se em processo de se tornar um capítulo para um e-book coletivo com colegas e professor. Mais do que conclusões fechadas, os resultados apontam para a potência da escuta como ferramenta de pesquisa e para o som como chave de leitura das transformações socioambientais no Laranjal.

Escutar o Laranjal foi também escutar a mim mesma e às memórias que compartilho com minha mãe. Os sons que permanecem e os que se transformam revelam mais que simples ruídos: são marcas de tempo, de vizinhança, de modos de habitar, o exercício de escuta além de contribuir de forma basilar para a pesquisa, também serve como momento de descanso, de demora, de conexão e encantamento através do sentir.

Entre ruas de areia e de asfalto, entre o silêncio das casas antigas e o burburinho dos Altos, o bairro fala de desigualdades, mas também de continuidades. A etnografia sonora mostrou que o som não é apenas fundo, mas voz ativa do lugar, capaz de costurar lembranças e revelar fronteiras.

Assim, mais do que mapear sonoridades, este trabalho buscou sentir o bairro, reconhecer nos sons o fio invisível que nos liga ao tempo, à memória e à vida coletiva que pulsa no Laranjal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. Writing against Culture. In: FOX, R. (ed.) Recapturing Anthropology. Santa Fe: School of American Research, 1991, p.137-162.
DAMÁSIO, Ana Clara. A INTIMIDADE DO PARENTESCO: E os pedaços da minha mãe. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 24, n. 64, 2023. DOI: 10.22456/1984-1191.130534. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/130534>. Acesso em: 27 ago. 2025.

ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. & NELSON, Don. **Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. 1ed.: ABA Publicações, 2021.

Disponível em: https://www.abant.org.br/files/161_00191578.pdf

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. VEDANA, Viviane. **A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora**. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do MERCOSUL (VII-RAM), Porto Alegre, 2007, CD-ROOM.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Pallotti, 2013.

_____, R, A. L. C. & E, C. **Etnografia de Rua: estudos de Antropologia Urbana**. Porto Alegre: UFRGS, 2013b

RODRIGUES DE PAULA, Rafaela. (2025). “Nunca mais consegui ser apenas filha ou apenas antropóloga”: pesquisando minha própria mãe. *Novos Debates*, 10(2). <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V10N2.E102003>

VEDANA, V. **Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. DOI: 10.22456/1984-1191.15537. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/15537>. Acesso em: 7 mar. 2024.